

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.  
 FORA D' AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.  
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

**Publica-se aos Domingos**

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**AVEIRO**

**OS BERRADORES**

A opposição progressista anda ali ha dias de braços tragicamente erguidos ao ceu clamando vingança aos deuses omnipotentes contra o rei e contra a carta, por que o sr. Hintze Ribeiro, aproveitando habilidosamente um gasio que a mesma opposição deu n'uma das ultimas sessões do parlamento, impingiu á sorrelfa á maioria obediente o projecto da reforma da engenharia, cuja approvação vae por certo decidir da integridade e independencia da patria, tal é o berreiro descomposto que os jornaes progressistas soltam em prol dos garbosos tenentes de engenharia, menoscabados nos seus brios guerreiros, ao que parece, pela adopção do mesmo projecto.

Não se nos afigurava que dentro da reforma de engenharia podesse alvargar-se traiçoeiramente tão furiosa tempestade e parecia-nos até que achando-se ha muitos annos á mercê do arbitrio ministerial, sem rei nem roque, os serviços technicos do ministerio das obras publicas, seria caso para se discutir tranquilamente e serenamente qualquer projecto de reforma, que procurasse remediar, mesmo parcialmente, esse vergonhoso e iniquo estado de cousas, mas não para, a pro-

posito de tão magro assumpto, erguer os punhos cerrados á figura irresponsavel de sua magestade, que deve andar enfiado de terror com a rethorica progressista, se não tiver o bom senso de perceber que tudo aquillo é fogo de vistas da pyrotechnica da Granja.

Tem graça estas furias jacobinas dos jornaes da opposição monarchica contra as esportosas parlamentares da maioria regeneradora, e quem não conhecer os processos governativos, eleitoraes e politicos da ultima situação progressista ha-de imaginar que estes quichotes indignados juraram pelos olhos traidores do sr. Pedro Penedo verter até á ultima gotta do seu generoso sangue de paladinos pela causa da legalidade e da justiça.

O que é comico é que todas estas furias demagogicas se levantem temerosas em volta do triste projecto da reforma da engenharia, e que os mesmos jornaes e os mesmos tribunos, que ora se erguem irados e não faticados a defender as immunidades dos tenentes da pluma preta, deixem passar com mais pacifico semblante a ignominia da salamancada, a indecencia da caixa geral dos depositos, as imposições vergonhosas da diplomacia britanica, a censura official ao honrado procedimento do major Luiz Quillinan, as ostentosas viajatas da realesa ao estrangeiro e mil outras indignidades bem mais dignas de memoria.

Tudo isto porem são pequenos incidentes politicos para o partido progressista, pequenos casos quotidianos que se tractam n'uma local com alguns adjectivos malcreados, ou em artigo do fundo á falta de melhor assumpto, mas que não merecem aquelles habeis politicos maior menção do que uma parte da policia ou a noticia de um incendio. O que lhes accende as iras tribunicias, o que lhes ateia o fogo patriotico é a sorte miseranda dos sympathicos tenentes de engenheiros, que vão agora pela nova reforma, os pobresinhos, ficar apenas com um ministerio ao seu dispor para exercerem a sua prodigiosa sabedoria affirmada brilhantemente em algumas vidraças concertadas com pericia e varias ajudas de custo. Se em Portugal ainda ha portuguezes que se ergam ali como um só homem para salvarem os inaufereis direitos dos tenentesinhos da pluma preta, que estão desde 1868 saboreando postos e promoções, em quanto os seus collegas engenheiros civis, pelo menos tão habilitados como elles para o serviço das obras publicas, marcam passo em tenentes pintados.

Os progressistas assim o entendem e quando os progressistas entendem alguma cousa... é por que essa cousa é facil de perceber.

C.

**OS APOSTATAS**

Ha tempos um jornal da invicta annunciava ás gentes, que o auctor d'estas linhas havia apostatado. Não carecemos de justificação: O nosso combate tem sido uno e cheio de coherencia, e continuará a sel-o. Assim o esperamos por honra do nosso espirito, extremamente entransigente, e elevadamente honrado. Julgamo-nos com auctoridade sufficiente para condemnarmos todos os traidores.

Se ha alguém que tenha que nos apontar, queira fazel-o. Não nos recemos d'essa prova, nem tememos papões.

Lá vae. Era em 1878. Os progressistas arvorando por toda a parte o estandarte da revolta, chamavam o povo á luta pelos seus interesses, cantando o *Velemos pela salvação da Republica*, cuja causa diziam defender. A *Marselheza* e a *Maria da Fonte* eram os seus hymnos predilectos. Este bom povo acreditou-os, e elegeu-os. Os galfarros nada mais quizeram.

Tendo-se apoderado já das adoradas pastas, os trampolinheiros esqueceram todas as suas promessas, todos os seus protestos de democracia pura. E os homens que se haviam proclamado como os percursoros voluntarios e consciences da Republica, tornaram-se os cachos enlameados do ultimo Bragança, ao qual tinham apontado a sorte de D. Luiz XVI.

Corridos a ponta-pés para fóra dos bancos da publica governação, elles hoje voltam á antiga lamuria. Oxalá o povo se acateule, e saiba dispensar-lhe o seu profundissimo despreso! Por sua parte os regeneradores abundam nas mesmas trampolinices.

Auxiliaram os republicanos na valente opposição que estes fizeram ao tractado-traição de Lourenço Marques,

e depois perseguiram os zurzidores da torpeza.

A sua imprensa de ignorantissimas bestas, de *parvenus* do jornalismo vendilhão, é toda composta dos transfugas da democracia.

Os traidores recebem os trinta dinheiros em paga da consciencia, e entregam nas mãos dos serenissimos biltres a messias—Revolução.

Sergio de Castro... o declamador revolucionario do *Diario da Tarde*, e dos primeiros tempos da *Correspondencia de Coimbra*, lá está arvorado em doutor da lei, esquecido completamente da sua lueta d'outra ora. A aurea mordaca regeneradora abafou-lhe a voz da consciencia.

A *Actualidade*... não fallemos n'esse farrapo jornalístico.

A *Lucta*...

Oh! que infamissimos pelintrast! Vendem a consciencia pelo mesquinho prato das lentilhas, e vêm escoucear aquelles que tiveram sempre por Deus a Honra e a Consciencia!

Sois uns canalhas.

A historia das traições é negra, é repellente. Mas nós havemos de continuar.

Queiram os pandilhas apromptar o rosto para as chicotadas.

Ismael

**BAIRRADA**

Não se encontrou por enquanto a phyloxera nos vinhedos inspecionados da Bairrada.

Esta boa nova traz animados os viticultores, assim ella não seja em breve transformada n'alguna triste desillusão!

O que é certo é que ainda se encontram na Bairrada, a par de muitos indifferentes, alguns incredulos que

ção no Imperio sem que seja devidamente placitado.

Esta disposição não tem excepção alguma. E se no direito commun, o que a lei não distingue nós não podemos distinguir, na lei constitucional ninguem poderá regularmente distinguir.

(Trocam-se muitos apartes; o sr. presidente reclama a atenção.)

Não nos envolvamos, quando se trata desta materia, em cousa alguma espiritual, e nem o espirital pôde ter effeito externo.

O sr. Jeronymo Sodré:—Então é preciso que o explique.

O sr. Saldanha Marinho:—Vou proval-o.

A lei a que me refiro, e que o governo ha de por forçer ser affinal obrigado a cumprir, é esse art. 102 § 14 da Constituição. (Apoiados.)

O breve que os hispos estão executando, ante a escandalosa cobardia do governo é o celebre *Quamquam dolores*, de 29 de Maio de 1873.

O sr. Felicio dos Santos:—*E a gesta tua?*

O sr. Jeronymo Sodré:—Essa nunca appareceu, era negocio improvisado.

O sr. Saldanha Marinho:—Foi mais uma impostura com a qual foi ludibriado o bom senso publico.

Esse celebre *Quamquam dolores*, a primeira cousa que anathematisou foi a infeliz Constituição politica deste Imperio.

O sr. Jeronymo Sodré:—Se o fizesse estava no seu direito.

O sr. Saldanha Marinho:—Pobre Brazil!

Desgraçado paiz, que tendo apenas essa Constituição que lhe outorgaram e para a qual não concorreu, ainda tem de a ver exposta aos ultrages de uma fgreja intransigente, e sem poder queixar-se. (Apoiados.)

A religião catholica apostolica romana é do Estado, dizem os nossos ultramontanos, e disso fazem argumento para a subor-

**Folhetim**

**DISCURSO**

**PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRs. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL**

Na sessão de 16 de julho de 1880

Pelo snr.

**Saldanha Marinho**

O sr. Saldanha Marinho:—Sr. presidente, a cada um a sua responsabilidade. São palavras do nobre Sr. presidente do conselho que serão sempre repetidas com applauso.

Aceito-as, mesmo porque em qualquer emergencia eu jámais deixaria de enunciar meu pensamento, quaesquer que fossem as consequencias.

Tenha cada um a franqueza de suas opiniões para que devidamente assuma a responsabilidade ampla e completa que lhe couber.

Não venho fazer ostentação de principios que já, e por muitas vezes tenho sustentado; não venho fazer alarde de coherencia; não necessito dar arrhas de mim. Meus animos são meus desejos incommodar, ou por qualquer modo molestar os actuaes honrados ministros da corça, aos quaes aliás professo particular estrema.

Venho, somente, sollicitar do gabinete, cujas opiniões não são ainda officialmente conhecidas nas questões ora propostas, a so-

lenne declaração do que quer, do que pretende observar em relação aos assumptos de minhas presentes interpeações.

Assim procedendo, cumpro apenas um dever de consciencia que reputo sagrado, como todos os meus deveres; se bem que na triste convicção que nutro, de que n'este reinado nada se conseguirá do real alcance pela legitima liberdade do paiz.

V. Ex.ª sabe que questões importantissimas que affectam não aos interesses de um só partido, mas aos interesses de toda a sociedade e cujas soluções são geralmente reclamadas, têm sido por mim tractadas e sustentadas com vigor e perseverança, quer na tribuna universal, quer n'esta tribuna parlamentar.

O sr. Marcelino Moura:—E brilhantemente. (Apoiados.)

O sr. Saldanha Marinho:—Em duas mezes de sessão n'este anno e nas tres sessões que consumiram quasi todo o anno passado, nenhuma d'essas questões, a despeito de minhas reiteradas insistencias, mereceram attenção do governo ou do parlamento. Apenas consegui que fosse approvada n'esta camara a parte penal do regulamento do registro civil, para cuja execução só isso faltava. E mesmo esse pouco, está atirado á poeira da secretaria do senado, e sem andamento esse o anno passado, como se se tratasse de algum objecto sem importancia, e não necessário como elle.

Tudo o mais está adiado, tudo o mais, segundo a phrase favorita do governo e na ausencia absoluta de razão plausivel, é inopportuno!

E a mim, Sr. Presidente, como ao paiz todo, afflige e entristece, e faz cada vez mais descer d'esta ordem de cousas, presenciar o dosar, a falta de interesse publico, o insolito desdem com que se deixa de confessar como oportuna a satisfação de urgentissimas necessididades e a solução de questões de que essencialmente dependem a paz, a ordem, a segurança e a liberdade real do paiz.

Respeito, Sr. presidente, as convicções

alheias; respeito as convicções de todos os meus collegas, como quero que respeitem as minhas. Assim, na mais plena liberdade e com toda a isenção de espirito, vou sustentando minhas idéas. desenvolver, cada um de per si, os pontos das interpeações que dirijo ao governo.

Se porventura não o fizer satisfactoriamente ou se me escapar alguma expressão menos cab da, conto que a camara por sua benevolencia me desculpará.

Prometto a V. Ex.ª que na altura em que devo e sei collocar-me n'esta tribuna, os principios se são o meu unico empenho, e sustentando-os nada terei que ver com as pessoas. Nas questões de que me occupo as individualidades desaparecem.

O sr. Freitas Coutinho:—Apoiado.

O sr. Saldanha Marinho:—Entre em Materia.

É o 1.º ponto de minhas interpeações o seguinte:

*Qual a disposição do governo relativamente á execução que continúa a ter, no Imperio as bullas, breves e quaesquer decretos pontificios, não placitados competentemente?*

O povo brasileiro, Sr. presidente, tem sido constante e grosseramente ludido n'esta materia. O governo o tem enganado, prometendo-lhe tudo, e faltando covardemente a sua palavra. O governo não tem cumprido o seu dever em objecto tão momentoso como este.

O sr. Belfort Duarte:—Apoiado.

O sr. Saldanha Marinho:—Ha sete annos que na imprensa me esforcei por conseguir do governo, ao menos, a prohibição administrativa. Tem concordado na doutrina que sustento, mas não tem tido a coragem indispensavel para mantel-a.

No primeiro mez de exercicio do ministerio de 5 de janeiro me dirigi officialmente ao então ministro do imperio, pedindo-lhe que francamente declarasse se as bullas que estavam sendo executadas, concernentes á maçonaria, haviam sido sujeitas á apreciação do governo, e se porventura se achavam revestidas do indispensavel

beneplácito; e se, pela negativa, podiam ter execução no Imperio.

O despacho foi satisfatorio: «Não estão placitadas, não podem ser executadas.»

Disse-o, e com solemnidade official, o nobre ministro do imperio d'esse gabinete. Era o que S. Ex.ª habilitado havia anteriormente sustentado na imprensa.

Mas de que serviu essa declaração official, qual o valor que lhe deu o proprio governo? O despacho foi um escarneo; as bullas continuaram a ser executadas, e o governo cruzou os braços ante a acintosa prepotencia dos hispos!

Mas o governo assim procedendo não deixou simplesmente de cumprir o seu dever incorreu em expressa criminalidade.

A lei de responsabilidade dos ministros e conselheiros do estado estabelece penas para os que deixarem de cumprir a lei, ou não fizerem responsabilisar os seus subalternos criminosos.

Bullas não placitadas, que deviam ser letra morta neste Imperio, são entretanto ostentadamente executadas, e executadas tem sido até contra ministros, como aconteceu ao nobre Sr. conselheiro João Alfredo, em Pernambuco.

E o governo diante disso emudeceu e se acobarda, cala-se, consente tacitamente na transgressão perigosissima de um preceito constitucional, constitue-se pelo menos, cumplice dos transgressores, deixando de os responsabilisar como lhe cumpria.

Está na letra expressa da lei da responsabilidade dos ministros...

O sr. Felicio dos Santos:—Já se experimentou isto e não deu bom resultado. Ficou-se em um becco sem saída.

O sr. Saldanha Marinho:—É na lei de 15 de Outubro de 1827, art. 4.º §§ 1.º e 2.º, que os ministros desidiosos, pelo menos, têm incorrido.

O art. 102 § 14 da Constituição determina que nenhum decreto, bulla, ou rescripto qualquer do pontificado tenha execu-

Se fôrram a serio os destroços o lariva parasita. Em todos os tem- os e em todas as crises ha sempre, talvez pela lei imperiosa das compen- sações, os que veem tudo pelo lado mau e os que olham as coisas pelo lado côr de rosa. Oxalá que aos opti- mistas da Bairrada não imponham os praticos do Douro a sentença inapel- lavel da condemnação dos seus vinhed- os, convertendo os rezeios de hoje em desgraças de amanhã!

Foi distribuido na Bairrada o nu- mero programma da Gazeta das Al- deias, publicação semanal que vae sa- hir em Lisboa sob a direcção do nos- so velho amigo, José Teixeira Simões.

A Gazeta das Aldeias, a ajustar pelo seu programma e pelos nomes dos seus principaes redactores, parece- nos uma publicação prometteadora, e a sua indole especial de cuidar da re- rustica não será, de certo, incompati- vel com a pretensão de se occupar de politica, como manifestação essencia- l da vida dos povos, que estes povoem os campos, quer habitem as cidades. Que nem só estas façam politica, d'ac- cordo. E' necessario que as aldeias tenham tambem o seu quinhão nos en- cargos e nas regalias do viver social. Para isto o ponto de partida é espalhar a instrucção pelos povos das aldeias, é encaminhal-os nos seus deveres e re- vestil-os dos seus direitos. Na aldeia ha muito que desbravar e muito que inquirir.

Nos campos, onde se desconhecem as etiquetas e onde a liberdade tem mais fundas raizes, desafrontada das convenções e das formalidades bur- guezas, será sempre bem vinda uma sentinella vigilante que puna pelos in- teresses do povo e encha de luz o vi- ver obscurecido do aldeão laborioso.

E' vasta e cheia de digna impor- tancia a missão que e propoe a Ga- zeta das Aldeias, e se ella a levar a cabo como o fazem prever a galhardia e o assombro do seu numero program- ma, o jornalismo portuguez terá de menos uma lacuna e a agricultura contará mais um apostolado, de que tanto carece.

CARTAS

Lisboa, 22 de junho.

Tem sido assumpto das conversa- ções geraes, n'estes ultimos dias, o duello realizado entre onosso querido amigo e correligionario Ernesto Lou- reiro e o sr. Augusto José da Cunha. A origem d'esta pendencia foi, como talvez sabereis, uma questão particu- lar em que a politica nada influiu.

O seu resultado ia sendo fatal ao sr. Ernesto Loureiro e, francamente, não ha exemplo d'um duello tão ex- ceptional como aquelle. Porquê? Por- que nem o sr. Loureiro nem o sr. Cun- ha sabiam pegar n'uma espada.

Ha muito quem condemne o duel- lo achando-o estúpido e inutil. Eu pen- so a tal respeito d'um modo particu- lar. O duello é realmente brutal, qua- si selvagem, uma triste herança dos tempos antigos; mas ha occasiões em que se torna inevitavel. Desde o mo- mento em que o homem se não satis- faz com o julgamento dos tribunaes, a lucta violenta torna-se uma necessi- dade da sua natureza.

Supponha-se um grande caso de deshonra, um insulto atroz a uma mãe, a um pae, a uma filha, qualquer d'a- quelles factos, emfim, que a sociedade condemna, não os admitindo. Ha tri- bunal que os lave? Não, e aquelle que n'esses casos condemna um desforço pessoal é simplesmente covarde.

Condemnem, como eu condemno, o duello motivado por cousas tão fu- teis como todos esses a que temos as- sistido; mas é impossivel condemna-lo em absoluto porque, embora seja uma selvageria, é um attributo fatal da nos- sa existencia. O homem será sempre um poucozinho selvagem. Arrasta-o a fatalidade da sua especie.

Todavia, eu não deixo de reconhec- er a bestialidade do ultimo duello. O sr. Cunha julgou-se offendido com um>s palavras do sr. Loureiro e man- dou-o desafiar, escolhendo o sabre pa- ra arma de combate. N'isto precisa- mente está a condemnação do sr. Cun- ha. Sabia manejar uma espada? Nem sequer o peso lhe tinha tomado um dia. Para que se metteu então em ca- vallarias altas? Pegasse n'uma bengala e desaffrontasse-se na rua. A mania que estes senhores tem de conside- rar este desforço como desforço de gallego é engraçadissima! E o que se ha de chamar a mania d'ir para o cam- po da honra brandir uma espada como quem brande um cacete? Ridiculari- sam-se a si, desacreditam a arma a que pomposamente chamam honrada e praticam tolices que, ou nos fazem rir por que são ridiculas, ou nos en- tristecem porque são selvagens. Deixem lá os francezes com os seus duel- los e uzem o duello portuguez, sem medo de gallegadas. As imitações são sempre feias. Quando quizerem duel- lo de morte peguem então n'uma pisto- la, se não sabem jogar o sabre ou o florete, e terminem a questão.

Ora veja-se o duello do nosso que- ridissimo amigo Loureiro com o sr. Cunha. Eu creio que os adversarios nem engajaram as armas, porque bas- tava que o sr. Loureiro estivesse bem posto em guarda para evitar o trem- tendo golpe de cara que soffreu. Por outro lado se o sr. Cunha soubesse o

que fazia, não atiraria á cara do adver- sario como atirou.

E' das praxes poupar em todos os duellos a cara do adversario não só porque ha muitos outros golpes e es- tocadas mortaes ou não mortaes para resolver a pendencia sem desfigurar o adversario, mas mesmo porque são difficilimos os golpes de cara que um jogador bem posto em guarda defende naturalmente.

Dizia hontem um jornal que os contendores se achavam na terca alta quando o sr. Loureiro se descobriu de todo para ferir a perna do adversa- rio, e que então o sr. Cunha lhe dei- xou naturalmente cabir a espada na cara. Tolice no caso, porque visto isso o golpe prompto, certo, regulamen- tar até do sr. Cunha seria o da cabe- ça.

Emfim, eu não censuro o sr. Cun- ha nem o sr. Loureiro. Ambos elles ignoravam completamente o jogo do sabre e por conseguinte atiraram ao acaso. Foi para alli uma cousa sem tom nem som, de maneira que assim como o sr. Loureiro ficou com a cara deitada abaixo, podia o sr. Cunha fi- car com o pescoço cortado.

Eu, sendo testemunha de contem- dores tão leigos, é que não admittiria o duello ao sabre. Conhecendo os ad- versarios o jogo das armas e não sendo o duello de morte, o perigo é nul- lo, porque sabem onde vão os seus golpes; não o conhecendo, como no pre- sente, pode haver uma grande desgraça.

Seja-me permitido dizer que as testemunhas do duello, de que venho fallando, se portaram com grande cavalheirismo e lealdade como assim os adversarios.

O sr. Loureiro, cujas qualidades eu tanto aprecio e ao qual me liga uma verdadeira amizade, bateu-se com grande valentia. Mesmo depois de ferido queria continuar o combate e com o ferimento tão grave que rece- beru, conservou toda a serenidade d'es- pírito, declarando com bom humor que poderia ficar sem uma orelha mas que isso o não impediria de se bater de novo em circumstancias analogas.

Sempre lhe conheci e admirei aquelle pundonor e coragem. O seu estado, felizmente, já não inspira cuidados.

—Aqui ha dias os jornaes noticia- ram a morte repentina d'um sargento do ultramar, que cahiu fulminado no terreiro de Paço. O acontecimento foi recebido com a indifferença com que todos d'essa ordem o são em Lisboa.

Porem um official do exercito acaba de me dar sobre esse pobre homem algumas informações, que me impres- sionaram bastante.

O infeliz teve baixa não ha muito tempo. Só, abandonado, pobre de re- cursos, sem meios de vida, pediu ao governo que lhe desse passagem para Africa n'am dos navios do Estado que

lá, onde conhecia muita gente, se go- vernaria.

O governo negou essa esmola ao triste e desprezado servidor do paiz. Então o desgraçado estendeu a mão á caridade publica. Alguns dos seus camaradas d'um dos corpos de Lisboa, condoídos da sorte que o perseguia, resolveram nobremente distribuir o rancho com elle. Porem, oh fatalidade! o generoso intento não pode ir avante porque o coronel se oppoz.

—Isto aqui, dizia o bruto, não é hospedaria. Se lhe querem dar de comer deem-lho lá fóra.

Bem. Desde esse dia o infeliz atola- va-se na miseria. Corria as guardas a pedir humildemente ao seu camarada sargento, que n'ellas fazia serviço, um bocado de pão para não morrer de fome.

Para não morrer de fome!... Ah! quem sabe lá se o triste não morreu de fome!...

Um dia cahiu redondamente morto no Terreiro do Paço. Ha quantos dias não comeria a victima!

Desgraçado! Eis talvez como a mal- dade d'um coronel idiota, que só se distingue pela sabujice real, matou um homem.

Que sociedade e que... bestas!

—As magestades andam todas na folgança. Tinhaos em passeio o Anjo da Caridade e as louras creanças; ago- ra temos mais o sr. D. Fernando, a condessa d'Edla e o Comecreme. Fol- gae a vontade, senhores. Aproveitae- vos a tempo da nossa paciencia.

Y.

Expendido discurso.—Chamamos a attenção dos nossos leitores para o bello discurso proferido no parlamento brasileiro, pelo deputado Saldanha Mar- rinho n'uma questão ali e em Portugal verdadeiramente palpitante—o ultra- montanismo, a reacção e o je- suitismo.

Os retrogradados levaram uma formi- davel descalçadeira, que se pôde appli- car a grande parte de acontecimentos correlat vos no nosso paiz.

Lembramos aos irmãos da Santa Caza da Misericordia d'esta cidade, para que, na eleição dos corpos ge- rentes d'aquella caza, que se deve ef- fectuar no dia 2 do proximo mez de julho, tenham em attenção a escolha dos novos mesarios, não se deixando illudir por pedidos. Sejam desapaxio- nados e escrupulosos, elegendo ho- mens dignos e honrados, que é o que ali se precisa, para a boa administra- ção d'aquella casa de caridade, aonde infelizmente já impera o favoritismo.

O afã com que ahí se trabalha para a eleição dos novos mesarios, le- va-nos a crer que anda coisa no ar!

os de manifestar-se. Eu pego, portanto, a to- dos quantos nos attendem e nos hon- ram com a sua presença que, mesmo na situação a que infelizmente temos che- gado, respeitem esta camara. (Muito bem; muita bem.)

O Sr. Jeronymo Sodré:—Não podemos fi- car debrixo desta impressão; assim não ha li- berdade de tribuna.

O Sr. Horta de Araujo:—Ha.

O Sr. Zama:—O tumulto das galerias não pôde fazer calar a um deputado.

O Sr. Saldanha Maranhão:—O incidente passou. Continuemos a discutir.

Perguntarei:—executado esse breve, te- mos ou não direitos civis offendidos, ou pelo menos ameaçados de preterição? Sem duvida.

O cidadão brasileiro que tem pela Con- stituição politica do Imperio liberdade de pen- sar; o cidadão brasileiro que, adoptando a Igreja romana, como a Constituição a adop- tou, continúa na sua antiga creença, tem sem duvida direito tambem a que os padres dessa Igreja não o repilam.

O sr. Correia Rabello:—Apoiado; muito bem.

O sr. Saldanha Maranhão:—Repetir n'este caso, é offender graves direitos civis; e se os poderes do Estado continuam a consentir, ainda que tacitamente, que os bispos usem da faculdade que elles se arrogam de prohibir arbitrariamente que um grande numero de habitantes do Imperio seja testemunha de baptizados; que se casem segundo o ritual ro- mano, e até que seus cadaveres sejam sepul- tados nos cemiterios que temos, incorrem em gravissima responsabilidade, esse tornam já não sómente cúmplices, mas réos de traição. Direitos consagrados na Constituição ficam de impossivel exercicio.

Admira a facilidade com que os ultram- ontanos nos dizem—protestantes. Na verdade: é mister muita facilidade de consciencia, para ser assim tão facil em dar passa- portes.

Entre esses que os bispos, ex vi do cele- bre Breve, declaram excomungados e fóra da Igreja ha quem prese a doutrina de Chris-

No dia 48 do corrente, deu entra- da no hospital d'esta cidade; o sr. Do- mingos Ferreira da Costa guarda de 1.ª classe da alfandega do Porto e en- carregado do posto da Costa de S. Ja- cinto. O nosso patricio deu uma que- da com tanta infelicidade, que partiu um braço.

Lamentamos o acontecimento e de- sejamos o seu prompto restabeleci- mento.

Na praça de touros d'esta cidade, terão lugar, no dia 1 e 15 do proximo mez de julho, duas corridas de touros, dadas pelo empresario da pra- ça o sr. José Joaquim d'Oliveira.

Esteve entre nós o nosso presadís- simo amigo e correligionario o sr. Eduardo Arvins, um constante colla- borador do nosso jornal. O nosso ami- go regressou á sua casa de Sever do Vouga.

No domingo passado o nosso pre- sadissimo e respeitavel amigo, o sr. José Martins Henriques, digno admi- nistrador substituto de Sever do Vou- ga, acompanhado de muitos amigos bateram o monte na serra da Foz apa- nhando dous lobos novos, que agora se acham n'esta cidade por pedido d'alguem.

No anno passado tiraram-se oito.

Tudo perfeitamente monarchico.

Calotes, ladroeiros, patifarias e tu- do quanto ha de mais vil e indigno!!

O professor de S. Marcos do Cam- po, com toda a certeza, está vivendo na maior miseria e morrendo de fome!

Ha quatro annos que não rece- be gratificação e ha dois que não re- cebe ordenado!!

E a familia que nos tira apelle anda passeiando no estrangeiro, e gastando á larga! E o Zé paga tudo! E os professores de instrucção prima- ria morrem de fome!

Viva a orgia e a santa monarchia.

Passamos a dar aos nossos leitores as seguintes informações sobre a pri- seão do famigerado faca de matto, in- formações que transcrevemos d'um collega nosso:

«Eis os pormenores da captura do famigerado José de Mattos, companhei- ro do celebre João Brandão, e conhe- cido em Cadaval pela alcunha de «Hes- panhol».

Dizem que o celebre guerrilheiro

Ainda uma consideração. Têm os bis- pos, porventura, um arrolamento perfeito dos maçons? Não têm. Logo os bispos são arbi- trar os quando a esmo, e caprichosamente declaram, a qualquer, filiado a essa associação.

O sr. Zama:—Isto é com os que se con- fessam maçons.

O sr. Saldanha Maranhão:—Engano de V. Ex. Os bispos que não sabem com evi- dencia quem é maçon, em effectividade, decla- ram como tal, a quem lhes parece e vão assim exercendo vinganças e dando pasto a seus odios pessoais.

O sr. Jeronymo Sodré:—A maçonaria tem tambem a sua exinformata, e exclue os maçons do mesmo modo que a Igreja catho- lica exclue quem não é catholico.

O sr. Saldanha Maranhão:—Não é argu- mento. A maçonaria já hoje reconhecida pe- los poderes do Estado, como se vê no aviso de 12 de Julho 1873, tem em si só a sua força; a ninguém prejudica, roge-se pela sua lei, e respeita todas as convicções; entretan- to que a Igreja vai até, como na hypothese presente, a preterir e prejudicar direitos civis e politicos, razão a mais convincente para determinar a imprescindibilidade do direito de beneplacito.

Os nobres deputados, que com tanto agodamento, e mesmo apaixonadamente me combatem, nada mais conseguem por seus proprios argumentos, do que firmarem a mi- nha já inabalavel convicção da necessidade d'esse direito, e em qualquer fórma de go- verno, portanto a todos é de primeira neces- sidade acobertar os interesses do Estado e dos governados, de uma acção indebita, e muitas vezes perniciosas de uma Igreja intolerante.

E de como penso do melhor modo, e mais garantidor dos legitimos interesses dos habitantes do Brazil, eu vou citar autoridades, que por todos os titulos devem ser conside- dos maiores de toda excepção.

(Continúa)

dição do Estado á Igreja romana, e sem limites!

Com effeito. É muito forçar consequen- cias de principios, que a ellas não conduzem como é facil provar.

O que é a Igreja do Estado?

A Igreja do Estado autorizada pela Con- stituição está ipso-facto subordinada a precei- tos concomitantes, estabelecidos na mesma Constituição. O pontificado romano é tambem obrigado a esses preceitos constitucionaes sob pena de ver destituida do caracter official en- tre nós essa sua Igreja.

Sr. Jeronymo Sodré:—Ha de permitir que a Igreja romana decline da auctoridade de V. Ex. neste ponto.

Sr. Saldanha Maranhão:—A minha auctori- dade se abysma ante a de um sustentáculo dessa Igreja tão valente como V. Ex. Apesar disso permita que continue.

O celebre Quinquagem dolores prohibe uma associação que absolutamente não sendo religio- sa está fóra do alcance das facultades ec- clesiasticas de Roma. Só as leis civis do Bra- zil a podem reger.

E' para fazer effectiva essa prohibição que esse decreto pontificio estabeleceu a pena de excomunhão. O fim desse acto é, pois, todo material.

Ora, sem beneplacito a execução desse de- creto romano, é legalmente impossivel no Im- perio.

Em que se fundam, pois, os nobres depu- tados para estabelecerem a distincção com que argumentam para dar execução ao acces- sorio, sem que o principal possa tambem ser considerado?

Por mais de uma vez, Sr. presidente, te- nho demonstrado que a Igreja do Estado, que a Constituição do Imperio, no art. 5.º, autori- sou, ou manda continuar (que é a expressão), dasappareceu.

Depois da infalibilidade e do Syllabus a Igreja romana tomou um caracter novo e sin- gular, e tanto que os velhos catholicos se apartaram della, protestando contra as insólitas innovações.

Qualquer governo no Brazil pôde perfei-

tamente declarar extincta a Igreja do Estado, visto que a Igreja não é mais a do tempo em que a Constituição a auctorizou.

O pontifice de então aceitou a Constitui- ção com o beneplacito; e o de hoje o não ad- mitte, e por isso collocou a sua Igreja fóra da nossa lei.

O Sr. Felício dos Santos:—Não apoiado.

O Sr. Saldanha Maranhão:—Não apoiado, por que? como provar logica e legalmente o contrario do que acabo de afirmar?

(Trocam-se diversos apartes entre os Srs. Jeronymo Sodré, Felício dos Santos e Monte.)

Senhores, uma questão tão importante como esta deve ser discutida com calma; não me perturbem com lantos apartes, não é com essas excommunições, que ouço agora fulmina- das contra mim, que conseguirão convencer- nos. Sei que estou excomungado. (Riso.)

O Sr. Jeronymo Sodré:—V. Ex. é que está excomungando a Igreja catholica.

O Sr. Saldanha Maranhão:—Eu sei que es- tou até altamente excomungado no profano; mas pouco me importa isso. Eu já tenho a excomunhão maior de Roma...

O Sr. Monte:—E muito bem merecida.

O Sr. Saldanha Maranhão:—Sem duvida.

E tanto quanto ella exprime que me tenho havido com independencia e com dignidade; ella exprime que não escravo a minha razão, nem os meus principios a quem quer que seja. Mereço-a tanto quanto ella me honra. (Repetidos apoiados de grande numero dos Srs. deputados; applausos geraes e prolonga- dos nas galerias.)

O Sr. Presidente:—As galerias não podem dar signaes de approvação ou reprovação.

O Sr. Saldanha Maranhão (dirigindo-se ás galerias):—Peço silencio, senhores! Não se admitta pela nossa lei a intervenção das ga- lerias. Os espectadores não podem dar signaes de approvação ou reprovação nesta camara. Eu não posso agradecer applausos quando são estes com transgressão da lei que rege esta casa.

Peço silencio, e que deixem correr esta gravissima discussão com a maior calma.

A opinião do povo tem muito outros mé-

de Midos o appellidava «a sua faca de matto», por elle ter o braço prompto, o olhar seguro, a espingarda de infalível pontaria, quer nas embuscadas dos guerrilhas politicos, quer nas execuções crimoniosas e vingativas. Attribuem-se-lhe diversas atrocidades. Elle foi o «Hannibal» da Beira. Ninguém se atrevia a perseguil-o. Era o tigre dos mattos; a arqueira raposa que escapava a todas as ciladas, e em vão a justiça o procurou durante mais de 18 annos.

Chegando ao conhecimento do administrador do concelho do Cadaval, que Mattos vivia proximo d'alli, esta auctoridade communicou-o confidencialmente ao ministerio do reino, lembrando que, para o prender, se devia usar em vez da força, a que Mattos, com a sua indomavel valentia, e apesar de alquebrado pelos annos, havia de resistir, empregar a industria, o disfarce, servindo-se de guardas da fiscalisação aduaneira.

Foi pedida ao sr. director da alfandega uma força fiscal de doze guardas, que commandada pelo chefe da secção Antonio de Souza Botelho, partiu no comboio da noite de quinta feira, chegando ao Cadaval ás 5 da manhã.

Depois de breve conferencia com o administrador, a força seguiu, affectando que ia em busca da «herva sancta» para destruil-a, como é uso. O fim era evitar suspeitas ao criminoso. Tal estratagem deu o resultado. Andaram a manhã e parte da tarde, e dirigidos por um guia descobriram n'um monte alguns homens que andavam no enxoframento das vinhas. Os guardas esperaram que elles descessem ao valle na quebra do calor, e formaram cuidadosamente um cerco, que pouco a pouco foram apertando, até que cahiram de subito sobre os trabalhadores, os quaes espantados do assalto e de forma porque o chefe dos guardas, de revolver em punho, lhes intimava a prisão entregaram-se sem resistencia. Um d'elles, o chefe, era com effeito José de Mattos, o Mattos de Villa-Chã. Largou da mão a enchaque trasia e disse para os captosres: «Tambem só assim; de outra forma não me apanhavam. Bem feita prisão.»

Em seguida pediu para ir a casa mudar de roupa o que não lhe foi permitido. Não se lhe podiam fazer grandes concessões, porque se elles tinham o direito de o prender, o direito d'elle era fugir-lhes. Chegadas á estrada e tendo recebido por um moço o que desejava de casa, marcharam o preso e os guardas para Lisboa, onde chegaram sexta-feira de manhã.

O preso esteve na alfandega e d'alli foi levado para o governo civil indo de lá ao ministerio do reino, onde foi á presença do ministro do reino. Thoz Ribeiro, que o quiz ver e ouvir. Foi sempre acompanhado por dez guardas de bayoneta armada e pelo chefe de secção. Do ministerio do reino para a cadeia foi no trem acompanhado por este chefe e um guarda.

José de Mattos é uma fraca figura, baixo, pouco encorpado alquebrado. Trajava gabão. Parece ter mais de 50 annos de idade. A sua physionomia é sombria e o olhar inquieto e desconfiado.

Os guardas da alfandega fizeram realmente um bom serviço e são dignos de elogio.

Os do congresso catholico tiveram domingo, em Lisboa, a sua segunda funcção sob a presidencia de Pinto Coelho. O lazarista Senna Freitas papagueou um sermão doce acerca da educação nos collegios e das peças theatraes.

E' escusado dizer o que o lazarista quer. Um tal padre Cordeiro parrou, horrivelmente na forma, e burlescamente nas idéas, das relações entre a igreja e o estado. E Mendes Lages as ordens religiosas e as (?) officinas paternaes christãs.

Quer mais alguma coisa, menino? O congresso catholico seria coisa absolutamente insignificante, se atraz dos jesuitas que n'elle figuram não estivesse a protecção torpe e infame, concedida pelo governo do rei a todas as manifestações do clericalismo faccioso. Em Lisboa não é já possível á tartufaria aggrear em volta de si qualquer numero de pessoas que possa ser digno de consideração. Mas o rei pro-

tege, defende, patrocina, instiga Tartufo, pois que Tartufo fanatisa o povo e o rei quer o povo fanatisado. Ainda domingo essa protecção interesseira se ostentou n'um espectáculo de audacias policiaes, que assombrou. Era perigoso passar na rua occidental do Passeio Publico, onde fica o palacio do marquez de Castello Melhor, á hora em que se celebrava o congresso. Naturalmente as pessoas que ali passavam, interrompiam o seu caminho a informar-se do que lá dentro ia, e isto dava origem a uma pequena aggregação de gente, que constantemente se renovava. Era natural tambem que os individuos commentassem de uma ou outra maneira, em conversa uns com os outros, os tramas dos jesuitas.

Pois a policia, que só ali devia estar para manter a ordem, se fosse alferada, ou para não deixar impedir o transito, do que tratava com especial affán era de espionar o que se dizia e de provocar as pessoas que fallavam contra o jesuitismo. Foi precisa muita prudencia da parte do publico para evitar muitas prisões. Basta citar, para exemplo, o que succedeu ao sr. Ribeiro dos Santos, proprietario da drogaria da rua do Amparo n.º 22. Passava o sr. Santos, quando um individuo do seu conhecimento o chamou e lhe perguntou se sabia como se poderia obter um bilhete para o congresso.

O sr. Santos respondeu que não tinha bilhete nem sabia como obtel-o e acrescentou: deixe essas caras, ande d'ahi.

Bastaram estas ultimas palavras para um cabo da 2.ª companhia, acompanhado do policia 77 da 2.ª, interromper brutalmente os dois interlocutores e dirigir esta insolencia ao sr. Santos: «Os jesuitas não têm cara comó você?»

E em seguida a esta insolencia, outras insolencias cada vez mais provocadoras, que só a muita prudencia e sangue frio poderam deixar sem outros resultados. Via-se que o cabo queria prender sob qualquer pretexto o sr. Santos. Como este muitos outros factos identicos, se deram.

A policia espionava, intervinha nas conversas, era insolente, e o publico, que já sabe como os Rängeis de Quadros fazem obra pelas partes carregadas, tudo isto soffria quasi sem protesto para evitar a prisão e principalmente a parte carregada.

E a isto chegámos. Praticam-se todos estes vexames para quem ouse fallar desfavoravelmente dos jesuitas! E' uma torpeza sem nome, mas que a indiferença do paiz perante a invasão jesuitica e os actos do governo, deixa praticar impunemente! Para onde caminha isto?

A Nação e outras lesmas, velhas e novas, discutem o caso do vestido velho offerecido pela sr.ª D. Maria Pia a uma Nossa Senhora de Guimarães. No dizer conspicio das lesmas supra — a Nação e suas manas jornalisticas, — o vestido da sr.ª D. Maria tem nodos de suor, coisas de pulgas e *muchas cosas mas*. Parece uma fralda de camisa suja, — salvo seja!

De Braga foram a Guimarães, cheirar, varios catholicos fieis, entrando o gentil Bernardino de Senna Freitas, — um maganão de pera romantica e de grande fraco pelos vestidos suados. Cheiraram e recheiraram: — a coisa tinha realmente suor e pulgas, etc.

E' pelintra e é feio que a sr.ª D. Maria Pia tratasse assim de resto a sr.ª D. Maria sempre virgem. De certo foi esta morena da Judea quem inspirou o Papa Leão XIII por modo que elle não quizesse receber a visita da sr.ª D. Maria de Saboya. As judias são muito vingativas — e um vestido com suor e pulgas é suja coisa!

O que pedimos ao sr. D. Luiz, nosso amado rei, é que ponha os olhos n'aquelle espelho: não vá agora brindar o sr. S. José com algumas seroulas menos limpas. De mais a mais, suas magestades — rei e esposa — já deviam saber que a roupa suja lava-se em familia.

Ora, pois... Deus os conserve assim, que não são feios.

(A Era Nova)

O nosso amigo Luiz Martins Arroja, acaba de mudar o seu estabelecimento de alfaiate para a rua de José Estevam.

Chamamos attenção dos nossos leitores para o annuncio que vae no lugar competente.

Recebemos o *Catalogo* d'alguns livros que se vendem com vantajosos abatimentos na livraria de Ernesto Chardon, no Porto.

Estes catalogos são remetidos gratis a quem os pedir.

Fomos visitados pelo nosso novo collega «El Tit Español», que se publica em Madrid quinzenalmente e que nos offerece escriptos sobre literatura, artes e sciencias.

Desejamos ao collega largos annos de vida.

E' andar sevandijas! Diz-se que na primeira ordem do exercito, será nomeado commandante effectivo da 2.ª divisão militar, o sr. José Paulino de Sá Carneiro, ex-director do collegio militar!

Após a nomeação será *chapado* (o Arrobas que me desculpe o termo) com a gran-cruz da Torre Espada, que ha muito lhe está prommetida.

Todas as honras, que actualmente se dispensam aqulle *intrepido guerreiro*, são em attenção aos honrosos serviços que s. ex.ª prestou no collegio militar.

E' encher em quanto é tempo. A coisa está... por pouco!

A proposito da prisão de celebre bandido José de Mattos, companheiro de João Brandão, e um dos assassinos do infeliz padre José da Anunciação Portugal que todos ahi conhecemos, dizia o *Correio da Noite* o seguinte:

«A prisão de famigerado *faca-de-matto* da quadrilha de João Brandão levanta uma questão juridica de bastante gravidade e que passamos a examinar.»

Segundo a lei, todos os crimes, por maior que seja a sua gravidade, prescrevem passados dez annos depois do ultimo termo judicial do respectivo processo. Esta é a prescripção maior. Ora o ultimo crime, em que foi envolvido *faca-de-matto*, foi o assassinato do padre Portugal, feitor do sr. visconde de Almeida. Este crime foi julgado *ha quinze annos*, sendo n'elle condemnado João Brandão. Foi juiz n'esse julgamento o sr. Manuel Celestino Emygdio, actualmente juiz n'um dos districtos criminaes de Lisboa.

O tempo da prescripção está, portanto, mais que decorrido. No processo não pôde ter havido outros termos, que não sejam o da requisição de mandados de captura; mas o supremo tribunal de justiça tem fixado a jurisprudencia de que a simples requisição de mandados de captura não constitue termo judicial com efficacia para interromper a prescripção.

Sendo assim e não havendo no processo alguma circumstancia especial, o que ignoramos, o *faca-de-matto* tem todas as probabilidades de ser mandado pôr em liberdade.

Em tal caso, mais valera não o terem prendido. Elle estava em sobresalto constante, o que era uma punição para os seus crimes e trabalhava na obscuridade, o que era um meio de regeneração sem escandalo pelo mal que fizera. Se agora o soltarem, desaparecerem esses beneficos.

Ahi está uma questão juridica e social um pouco embrulhada!

Um dos mais distinctos officiaes do exercito austriaco, o tenente coronel Schayer, acaba de morrer em duello.

A origem do desafio foi a critica feita por um jornalista ao nome dado pelo ministro da guerra ao regimento de engenheiros, ás ordens do dito tenente coronel, critica que este julgou offensiva para a sua pessoa.

As condições do combate foram dignas de menção. Os adversarios distariam trinta passos, não excedendo a pontaria muitos segundos e podendo cada um disparar tres ballas. As pistollas não deviam ter mira.

Ao primeiro tiro do jornalista o tenente coronel Schlayer caiu morto, tendo-lhe a balla atravessado o craneo.

Ocorreu ha dias em Granada uma terrivel desgraça.

O offical de cavallaria D. Manuel Manzuco, commandante do esquadrão de Villa Viçosa, dirigia-se ao campo de manobras de Las eras de Christo. Proximo porem, do caminho que conduz á ermida de Santo Izidro o seu cavallo desbocon-se, e fugindo vertiginosamente, cuspiu o cavalleiro com tal violencia, que foi cair sobre uma pedra, despedaçando-lhe o craneo.

Recollido immediatamente por seus companheiros, o infeliz offical foi conduzido em trem para S. João de Deus, espirando pouco tempo depois.

Na Serbia, foi ha dias encontrada assassinada na prisão Helena Markovitch, que pretendeu assassinar em outubro do anno passado o rei Milan.

Este assassinio foi sem duvida determinado pelo rei Milan, um tyranno d'alma damnada como ha poucos.

Helena era viuva do valente general republicano Jéphrem Markovitch, o vencedor de Ak-Palanka.

O rei de Serbia, assustado com os progressos dos republicanos triumphantes em mais de trezentos municipios e com trinta deputados nas camaras, recebeu que Jéphrem se convertesse no seu chefe militar e tratou por isso de se desfazer d'elle mandando-o fusilar como um cão.

Este fusilamento covarde produzindo grande indignação em todo o paiz e foi pretendendo o vingar que Helena Markovitch attentou contra a vida do rei.

Milan, não ousando fazer morrer Helena no patibulo com medo das massas populares, tomou o expediente de a mandar estrangular no carcere.

Que biltre! Mas taes expedientes são velhos para aquelle assassino covado.

Assim em 1877, exasperado por vêr os republicanos radicaes em maioria na cidade de Kragnewatz, capital parlamentar e universitaria da Serbia, ordenou ao governador d'aquella cidade que disfarçasse os soldados em camponezes, que os excitasse por todos os meios e que os lançasse depois sobre os republicanos reunidos, recommendando-lhes que matassem os mais que podessem. Em seguida o governador deveria telegraphar ao governo dizendo-lhe que o povo de Kragnewatz e arredores, irritado com as theorias communistas dos socialistas se arremessou a elles matando-os.

O honrado militar não se prestou a esse papel infame e pediu ao ministro da guerra a sua demissão, declarando-lhe os motivos porque a pedia. O ministro fi ou estupefacto e recommendou ao rei a maior prudencia no futuro.

A 31 de março de 1880 esteve prestes a rebentar na Serbia uma grande revolução. O povo amotinou-se em varias cidades e o throno de Milan não se deslez por um triz. Adam Bogosawtjevitch, joven socialista de grande talento, foi envenenado na prisão de Zajetschar onde estava encerrado por motivos politicos. Esta infamia atravessou o paiz como um raio. Em Belgrado, Kragnewatz, Zajetschar, Bogosawtjevitch houve graves e imponentes manifestações populares e os jornaes da Serbia e do estrangeiro fulminaram o crime real.

Ha mezes foi encontrada enforcada na prisão Madame kitchanine. Quem a enforcou? Ella a si propria, diz-se; mas a voz do povo accusou o rei da Serbia de mais um crime. A justiça dos homens castigará aquelle grande miseravel.

Sabbado, pelas 8 horas da noite, deu-se em Malaga, Hespanha uma occorrença horrivel.

N'uma casa da rua de Lagunillas

vivia com sua esposa e sua sogra um individuo de 25 a 30 annos de idade, conhecido por «Boca-chica», e que se occupava na venda de bilhetes de loteria.

Estava a pobre familia a ceiar, quando o senhorio entrou e vigia brutalmente 24 reales que se lhe deviam do aluguer da casa. Resultou de subito um conflicto, e o senhorio, tirando uma enorme navalha, cravou-a até ao cabo nas costas do vendedor de cauteias, assassinando-o. Não se sabe se a mulher e a sogra trataram de fugir ou de interpor-se entre o assassino e a victima; o que é certo é que receberam terriveis punhaladas, que a breves instantes as privaram da vida.

O criminoso retirou-se tranquillamente.

Na povoação de Calzada de Tera, Hespanha, commetteu se um espantoso crime. Um individuo d'alli, Gomez Arrihar, foi assassinado á navalhada e seguidamente lançado ao fogo. O assassino cortou o cadaver em pedaços e metteu-os n'uma cesta, deitando-a a uma cisterna que tinha dois metros d'agua.

Domingo, houve no presidio de San Agustín de Valencia, Hespanha, um conflicto de que resultou a morte de dois homens e ficarem outros dois em imminente perigo de vida.

Levantou-se uma altercação entre dois condemnados, um d'elles de nome Casalta, os quaes passaram rapido a vias de facto, saindo á luz os punhaes. Casalta, deu tal punhalada no adversario, que o matou instantaneamente; de tres outros condemnados, que tinham acudido, um foi tambem assassinado e os restantes ficaram gravissimamente feridos.

Final, o assassino foi preso.

Em Buenos Ayres uma mulher deu á luz cinco meninos d'um só parto. O marido vendo a familia tomar taes proporções desapareceu.

Eis como um correspondente de Melgaço falla de um obreiro do senhor:

«Adora o afamado vinho dos padres da Corredoura.

A adegá d'estes e as possilgas são os seus verdadeiros templos; os toneis, os seus santos; o vinho o seu Deus.

Embriga-se quasi todos os dias e vem para a estrada ferir com ditos indecentes as mulheres que passam.

Frequenta os bordeis, e entra n'elles com o desassombro com que penetra na sacristia.

Acompanhado do padre Francisco Calheiros, não ha mulher que escape ás suas perseguições, immoralidade que não commetta.

Resumindo mais: padre Luiz Lopes é tudo quanto ha de mais baixo, mais ordinario, mais desavergonhado, mais devasso, mais escandaloso por estes sitios.

E' isto que a seu respeito dizem as pessoas que o conhecem.»

Este é um bom jesuita para a educação das puras irmãs da caridade.

Abrin-se na rua direita d'esta cidade, um novo estabelecimento de encadernador sob a direcção do sr. Nicolau Guerra.

Os principaes generos alimenticios correm no nosso mercado pelos seguintes preços:

Feijão lrangeiro 20 litros	1240
« branco .....	92
« mestura .....	840
« manteiga .....	1080
« frade .....	890
« carraga .....	1:000
Trigo gallego .....	930
« Trenez .....	900
Milho branco .....	760
Dito amarello .....	710

ANNUNCIOS

BILHAR

Vende-se um com todos os seus pertences e muito em conta. Nesta Redacção se diz.

LA ILUSTRACION MILITAR

(Revista litteraria, scientifica e artistica)

Este esplendido jornal, dedicado á classe militar, publica-se mensalmente em Madrid, impresso em superior papel de grande formato, com gravuras magnificas de acontecimentos militares, primorosamente executadas por distintos artistas.

Publica em cada n.º pelo menos, 40 gravuras.

Os preços da assignatura em todo o reino de Portugal são os seguintes.

Anno..... 2:300
Semestre..... 1:200
Trimestre..... 600

Não terão valor os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia em vales do correio.

Dirigir para subscrever ao Representante, no Porto:

A. A. de Bessa Carvalho
Campo.24 d'Agosto, 138.

ATTENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

!NOVIDADE!

Ourivesaria Manu-
factora

14--RUA DAS BARCAS--16

AVEIRO

José Eduardo Mourão,

Galeria Republicana

Editor e proprietario
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director--MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500
Semestre ou 12 numeros.... 720
Trimestre ou 6 numeros..... 400
No acto da entrega..... 70
Numero avulso..... 100

Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros..... 1\$600
Semestre ou 12 numeros.... 800
Africa e estrangeiro accresce o importe do correio.

Barzil, anno ou 24 numeros moeda (forte)..... 3\$000

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE
A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas



DE LANÇADEIRA OSCILLANTE

Esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semeaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER
75, Rua de José Estevão, 79
Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

A LUIZ DE QUILLINAN

HOMENAGEM

DA CLASSE TYPOGRAPHICA FORTUENSE

Publicações collaborada pelos Ex.ªs Srs. Rodrigues de Freitas, Oliveira Martins, Oliveira Ramos, etc. Oito paginas in-4.ª, nitidamente impressas, com o retrato do illustre major.

Acha-se á venda nas principaes livrarias.—Preço 40 réis.

O producto liquido d'esta publicação é destinada a premiar o alumno que mais se distinguir em qualquer estabelecimento de instrucção, d'esta cidade, e que siga a carreira militar. Requisições á IMPRENSA COMMERCIAL, Lavadouros, 16. Porte.

NOITES ROMANTICAS

F. N. COLLARES

48--LISBOA, RUA DA ATALAYA

O Rei do Crime

LURO VELLOCE & C.ª

Grande Romance de costumes contemporaneos, cuja accção principal se passa em Portugal e Brazil por C. BONHEUR

illustrado com magnificas gravuras de senhos francezes.

50 rs. cada semana 5 folhas ou 4 e unha estampa em todo o paiz. Brindes aos srs. angariadores de 6 até 40 assignaturas.

BRINDE Á SORTE
UMA INSCRIPÇÃO DE 100\$000

NO PRELO

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

POEMA INEDITO

DO JUDEU PORTUGUEZ

ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO

ERNESTO CHARDON—EDITOR

Um volume em papel chamois e typo elzeviriano.

HOMENAGEM

PARTIDO REPUBLICANO

Um esplendido quadro typographico nitidamente impresso a 12 cores, com o retrato do fecundo evangelizador da democracia portugueza

Dr. Manoel de Arriaga

A venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, rua dos Correios, 140, 1.ª; na officina d'encadernador, rua dos Cavalleiros, 33; e em diversas livrarias. Os pedidos devem ser dirigidos a Oliveira & Souza, pateo do Aljube, 5, Lisboa. Preço 500 réis.

Questão da sebenta

I

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas á Sebenta»—do dr. Avelino Cesar Callisto. 1 folheto 60 réis.

II e III

«O sr. Camillo C. Branco e as suas notas á Sebenta»—por Avelino Cesar A. Callisto.

«Duas palavras ao sr. Camillo C. Branco»—por José Maria Rodrigues. 1 folheto 60 réis.

IV

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas ao folheto do dr. Avelino C. Callisto». 1 folheto 60 réis.

V

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«A cavallaria da Sebenta»—Resposta ao theologo. 1 folheto 100 réis.

VI

«As evasivas do sr. Camillo C. Branco»—por José Maria Rodrigues. 1 folheto 100 réis.

No Prelo

VII

CAMILLO CASTELLO BRANCO
«Segunda carga da Cavallaria»—Réplica ao padre. 1 folheto grande 150 réis.

Toda a colleção..... 530 reis
Pelo correio..... 560 »

Na livraria de ERNESTO CHARDON—Porto.

NOVA

LOJA DE ALFAIATE

Rua de José Estevam

AVEIRO

Luiz Martins Arroja, acaba de mudar o seu estabelecimento de alfaiate, da rua de St.º Ant.º, para a rua de José Estevam, nos baixos da Repartição das Obras Publicas.

Espera, por isso, que os seus amigos e antigos freguezes, se dignem ir procural-o ao seu novo estabelecimento, sempre que careçam dos seus servicos, no que muito o obzqueiem.

O annunciante garante a perfeição dos seus trabalhos e a modicidade dos preços.

ENCADERNADOR

93--RUA DIREITA--93

AVEIRO

Nicolau A. S. Guerra, acaba de abrir a sua officina, na Rua Direita n.º 93.

Encarrega-se de toda e qualquer encadernação por preços excessivamente modicos; garante a promptidão e perfeição do seu trabalho.

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarelo gordo de boa qualidade a 1:600 reis por cada arroba antiga (14,688) e a retalho a 120 reis o kilo, vende se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

TOUROS



TOUROS

PRAÇA DE TOUROS

EM

A VEIRO

Nos dias 1 e 15 do proximo mez de julho, terão lugar duas brilhantes e apparatusas corridas de touros. Serão corridos cada tarde 7 bravissimos touros, apartados a capricho das manadas do sr. José Joaquim d'Oliveira.

Para esta festa, na qual por especial obsequio tomará parte o distincto cavalleiro amator, o exm.º sr. José Maria de Lemos Junior, que virá expressamente da Figueira da Foz para este fim, acompanhado dos bandarilheiros Antonio Salão, José Maria Salta e o curioso Trapa, e bem assim trez valentes intervalleiros. Em obsequio ao empresario apresentar-se-ha na praça uma linda dança, a qual picará um touro dentro d'uma barraca, que será para esse fim collocada no meio do circo.

PREÇOS
Camarotes de sombra, 1\$500 rs.—Ditos de Sol, 1\$000 rs.—Superior 240 rs.—Sombra, 160 rs.—Galerias 140 rs.—Sol 120 rs..

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA
COM OFFICINA DE SERRALHARIA

EM

MANEIRO

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, cam as de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimales, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA
4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

COMPANHIA DAS Messageries Maritimes



A Empresa protectora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a stihrem de Lisboa: EQUATEUR, em 8 de julho, Pernambuco, habia Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres. — GERONDE em 23 de julho directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Bueno Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum par os sr.ªs passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 --RUA DE JOSÉ ESTEVAM-- 50